

30° Encontro Anual da ANPOCS  
24 a 28 de outubro de 2006  
Caxambu, MG

**GT: Migrações Internacionais**

*Migração e socialismo colonial: o caso dos trabalhadores moçambicanos na República Democrática Alemã.*

Héctor Guerra Hernández  
Doutorado em Antropologia Social 2006  
UNICAMP/ FAPESP

***MIGRAÇÃO E SOCIALISMO COLONIAL: O CASO DOS TRABALHADORES MOÇAMBICANOS  
NA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ.***

Héctor Guerra Hernández, Doutorando Antropologia Social, Unicamp 2006<sup>1</sup>

**1. Majermanes, uma questão de definição sem petrificar conceitos, nem sujeitos.**

Assistindo à fita de Licínio Azevedo *Adeus RDA*<sup>2</sup>, as imagens parecem muito eloqüentes. De repente uma banda de rock atravessando uma rua de Maputo, capital de Moçambique, a maioria vestindo roupas, correntes, aros e colares semelhantes às de um grupo de punk dos subúrbios de Londres nos anos oitenta, um grupo que cada sexta-feira reúne-se numa praça da capital e promove uma passeata, levando bandeiras da antiga República Democrática Alemã (doravante, RDA), transgredindo assim a paisagem auto-regulada<sup>3</sup> da capital moçambicana e gritando improperios ao presidente e ao governo. São os chamados “majermanes”, um grupo social constituído pelos antigos trabalhadores moçambicanos na já desaparecida República Democrática Alemã.

Superpondo imagens e momentos, o documentário apresenta-nos a vida destes trabalhadores – relatadas por eles mesmos – logo após a desapareição da RDA e seu retorno obrigatório a Moçambique. Mostra também aqueles que ficaram em Alemanha. Tanto estes últimos quanto os que voltaram apressadamente para Moçambique através do programa de retorno organizado pela República Federal de Alemanha relatam-nos uma história similar: Alemanha foi uma chance de aceder a um futuro melhor, na Alemanha – no caso dos homens – tiveram um grau de reconhecimento principalmente por parte das mulheres, especialmente no que diz respeito da vida sexual. O socialismo da RDA foi melhor do que o de Moçambique, e assim por diante. Nos confrontamos com fragmentos de histórias de vidas que, condicionadas pelo roteiro, não menciona ou comenta um dos problemas considerados cruciais no conflito atual deste grupo social e as instituições governamentais, a saber, a dívida econômica e social dos estados moçambicano e alemão para com eles.

O objetivo central deste projeto recém-iniciado e o estudo deste grupo social formado pelos estes antigos trabalhadores moçambicanos na desaparecida RDA, conhecidos atualmente, em

---

<sup>1</sup>O texto a seguir corresponde ao estágio inicial de uma pesquisa de doutorado, cujo título original é: MA(D)JERMANES: PASSADO COLONIAL E PRESENTE DIASPORIZADO. RECONSTRUÇÃO ETNOGRÁFICA DE UM DOS ÚLTIMOS VESTÍGIOS DO SOCIALISMO COLONIAL EUROPEU, com o apoio da FAPESP e sob a orientação de Omar Ribeiro Thomaz, esta em andamento no Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social da Unicamp. Trata-se de um texto preliminar; favor não citar ou reproduzir sem a autorização do autor.

<sup>2</sup> Azevedo, Licínio: *Adeus RDA* [Film, 1991] VHS Documentário 26 min., produtora Ébano Multimedia, Maputo 1992

<sup>3</sup> Em conversações com o pesquisador Omar Ribeiro Thomaz, ele faz referência ao nível de autoregulamento social e urbano no sentido da existência de certas normas de conduta de inter-relacionamento, acordadas e assumidas pela população da capital, onde, por exemplo, a briga de rua não é cotidiana nem bem vista. Os majermanes costumam brigar nos botecos, logo após o consumo de muito álcool, conduta reprovada pela maioria dos moçambicanos. Os conflitos de qualquer ordem são resolvidos de outra forma, mesmo no caso de uso da violência.

Moçambique, como “Majermanes”<sup>4</sup>. Pretendemos partir principalmente do uso de procedimentos etnográficos que, em conjunto com métodos de pesquisa historiográficos e estatísticos, permitira construir um quadro coerente desta coletividade, procurando estabelecer linhas de continuidade e ruptura entre seu passado como migrantes laborais e seu presente diaspORIZADO e transnacional como grupo na procura do reconhecimento como tal tanto na Alemanha quanto em Moçambique<sup>5</sup>.

Saliento que categorias tais como identidade, diáspora e reconhecimento não são usadas aqui de forma acabada ou conclusiva. Trata-se antes de categorias preliminares passíveis de serem questionadas ao longo da pesquisa. Quando se fala de coletividade como querendo dar conta da existência de uma identidade coletiva integradora e coesa, não se quer com isso determiná-la. Ao contrário, o importante aqui é dar conta dessa existência localizada dentro de um contexto espaço-temporal específico, sob posições e disposições estabelecidas que fazem sentido no seu interior e que, de alguma forma, dão vida aos madjermanes como coletividade.

Se o passado comum como trabalhadores na antiga RDA parece criar uma certa unidade na coletividade, os dados recolhidos revelam que tal passado não conforma necessariamente uma unidade totalizante onde o indivíduo deva ser entendido como parte secundária embora constituinte desta coletividade ou identidade coletiva. Os depoimentos recolhidos por Licínio Azevedo e os protocolos de Landolf Scherzer<sup>6</sup> nos falam de uma realidade muito mais diferenciada e complexa. As condutas e comportamentos dos diferentes sujeitos, como se verá, não estão regidos pela adesão ou não a um corpo identitário estático e atemporal: majermanes.

A construção dos “majermanes” é antes o resultado da somatória dos fatores tais como a sua ida para a RDA e estadia neste país e seu retorno e processo de reintegração, acelerado e muitas vezes traumático, na sociedade moçambicana. Será a partir desta realidade e experiência que as categorias de diáspora e reconhecimento serão inseridas na análise desta coletividade. A idéia de “majermanes” como categoria identitária, então, não teria sentido sem reconstruir antes as dinâmicas criadas e estabelecidas pelos próprios moçambicanos durante este “período alemão”.

---

<sup>4</sup> Madjermane, ou madgermanes ou majermanes = Mad (e in) Germany. Resumido: Mad'jermane. Trata-se de uma maneira típica moçambicana de designar um produto “Made in Germany” ou seja vindo da Alemanha. Pode ser um aparelho de música da marca RFT ou um estudante da “Escola da Amizade” em Straussfurt ou ainda uma motocicleta da marca MZ. Em Moçambique “Made in Germany” é assinalado na língua moçambicana como Madjermane (tradução livre do alemão da página [www.casamocambicana.de](http://www.casamocambicana.de)). O termo ficou, apesar do tempo, e agora é reivindicado como marca identitária pelos próprios antigos trabalhadores moçambicanos na RDA na luta pelo seu reconhecimento. Devemos ter presente, contudo, que a partícula “ma” em boa parte das línguas do sul de Moçambique designa o plural. Assim, o plural de changana, grupo lingüístico majoritário no sul, é “machangana”, o plural de suazi, é “masuazi”, e assim por diante. Podemos imaginar que “madjermane” faça referência a “os alemães” ou “os que vêm da Alemanha”.

<sup>5</sup> Esta proposta de pesquisa está ligada ao projeto de Pós-Doutorado, “Traidores e vadios: A construção social do inimigo e sua territorialização. Campos de Trabalho e Reeducação em Moçambique ao longo do período socialista”, do professor do Departamento de Antropologia Omar Ribeiro Thomaz.

<sup>6</sup> Landolf Scherzer é um escritor e publicista alemão, em cujo trabalho confronta-se com a RDA e seu sistema político. O livro de referência neste trabalho é: “Die Fremde: Unerwünschte Begegnungen und verbotene Protokolle”, da editora Aufbau Taschenbuch, primeira edição, Berlin 2004 ( Traduzido: O Estrangeiro: Encontros indesejáveis, protocolos proibidos)

Entrando já na primeira parte deste trabalho de pesquisa, a relação entre a antiga RDA e Moçambique pode ser interpelada de múltiplas perspectivas. O tratamento e controle sistemático da vinda e permanência dos trabalhadores estrangeiros, e neste caso específico dos trabalhadores moçambicanos são significativos para uma análise crítica da relação entre os mecanismos usados e os objetivos perseguidos pela política migratória deste país e a construção discursiva oficial de uma identidade socialista solidária e internacionalista<sup>7</sup> contraposta à capitalista “imperial” e nacionalista (e correlatamente racista) da República Federal Alemã.

Partindo de uma perspectiva histórica, nosso objetivo primeiro será o de questionar qual é a relação entre a imagem destes trabalhadores imigrantes - (re)produzida pelo discurso oficial - e a aplicação prática das políticas destinadas a regulamentar e controlar sua vinda e permanência. Em outras palavras, a partir da situação passada dos moçambicanos, examinar qual é o nível de concordância ou conflito entre discurso e prática no tratamento oficial dos trabalhadores imigrantes no interior das próprias fronteiras da RDA, e se a partir daí podemos falar de uma continuidade de caráter colonial<sup>8</sup>.

Quanto à Alemanha do Leste, a literatura e os estudos são inúmeros, boa parte dos quais provenientes das áreas da ciência política e da economia. Podemos inserir estes estudos, com algumas exceções, no quadro de duas macroteorias, a da transição e a do desenvolvimento. Ambas procuram expor as razões do seu fracasso a partir de uma lógica binária de análise, comparando e contrapondo de maneira correlata, o estado totalitário ao estado liberal; a economia planificada aos princípios do mercado livre; a submissão do indivíduo ao coletivo à garantia das liberdades individuais, etc. Arrisco afirmar que, apesar da grande produção intelectual nesta área, as causas e repercussões mais profundas deste processo ainda estão à espera de estudos reveladores.

---

<sup>7</sup> Esta construção pode ser compreendida, segundo a documentação, a partir de dois eixos fundamentais. O primeiro tem relação com a reação da RDA aos processos de colonização no chamado “terceiro mundo”. Sob a concepção de “proletarischer Internationalismus” (Internacionalismo Proletário), a RDA procurava sair do seu isolamento e ser reconhecida como Estado-Nação soberano pelos estados em conflito e, desta forma, pela comunidade internacional. Por outro lado, e tomando a expressão de Anderson “Imagined Communities”, a RDA compreendia-se sob o slogan “erster Arbeiter- und Bauernstaat auf deutschem Boden” (tradução livre: primeiro Estado proletário-camponês no território alemão) como representante legítimo da nação alemã, o qual não deixa de ter um caráter nacionalista, e que, para efeitos desta pesquisa, adquire uma relevância crucial, já que revela uma continuidade histórica contraditória por combinar elementos do passado colonial, como a idéia de patriotismo, com a nova vestimenta caracterizada pela propagação da solidariedade internacionalista.

<sup>8</sup> O discurso sobre imigração é levado na atualidade principalmente como um discurso sobre as possibilidades e perigos de dito fenômeno para a economia nacional alemã. Esta referência econômica está cheia de nostalgias e medos, por sua vez vinculados a idéias xenófobas sobre o perigo arquetípico que representa o Fremde (estrangeiro). Como no racismo, conta aqui também esse próprio indefinido frente à ameaçante e perniciososa intromissão daquele fremde imaginário. A intenção é, a partir de sua situação como imigrantes trabalhistas, levar a cabo uma análise retrospectiva da política migratória alemã com a finalidade de descrever traços que permitam estabelecer uma linha de continuidade e ruptura com o passado colonial daquele país, principalmente no que respeita ao tratamento dos diversos grupos de trabalhadores imigrantes, absorvidos como mão-de-obra durante os diferentes períodos históricos. Apesar de sublinhar as diferenças político-ideológicas entre a RDA e a RFA, alguns autores propõem a existência de semelhanças nas políticas migratórias de ambas em relação aos países do chamado “terceiro mundo”, acentuando desta maneira um traço comum de extração colonial (Ver por exemplo Ha: 2003: 95, nota 3).

Estudos ou pesquisas que abordem o cotidiano do passado, assim com as repercussões destas transformações e as mudanças nas estratégias de vida da população do leste - em outras palavras, estudos que saiam do tecido emaranhado dessas macroteorias - são relativamente recentes. Neste âmbito, só a partir da última década foi possível constatar uma proliferação de estudos antropológicos nesta direção (a pesar da existência de trabalhos já na década dos 70, como no caso de Katherine Verdery, entre outros). Sob a rubrica de “pós-socialismo” reúne-se um conjunto de trabalhos que, partindo da idéia de fluxo contínuo, entendido como “um rio cujas águas brotaram do passado e que agora passo a passo segue seu curso, deixando para trás o vale do socialismo” (Hann:2002)<sup>9</sup>, dedicam-se à descrição e análise das instituições e práticas, como também do papel que tiveram e ainda têm as transformações dos valores e modos de comportamento desta população no contexto pós-socialista próprio.

A incorporação do debate pós-socialista à crítica pós-colonial no presente projeto está relacionada ao fato de que a maioria dos estudos antropológicos enquadrados nesta perspectiva concentra-se geograficamente na Europa do leste e na Ásia, mas não na África. Moçambique, no momento de sua independência, optou pelo modelo de desenvolvimento socialista, da mesma maneira que Angola e a Guiné-Bissau, todas ex-colônias de Portugal<sup>10</sup>. No caso de Moçambique, esta situação, tanto de uma perspectiva pós-colonial quanto desta outra nova, permite-nos reconhecer um traço de continuidade entre manutenção, reprodução e quebra das estruturas e instituições de caráter colonial, por um lado, e seu processo de modernização pela via socialista com repercussões ainda na atualidade, por outro.

Neste contexto, a figura dos antigos trabalhadores moçambicanos na RDA - e na atualidade denominados “majermanes” - adquire uma relevância sem precedente, por ser esse grupo social quem conjuga estas duas realidades, na sua prática e discurso social, em torno das transformações e convulsões vividas pelo país nas últimas décadas. É preciso ressaltar que, salvo os trabalhos de Scherzer (2004), Döring (1999, 2005) e Oppenheimer (2003), na Alemanha não existe uma bibliografia sistemática a respeito deste assunto. Esta situação nos obriga a concentrar nossos esforços na reconstrução da história deste coletivo por meio de pesquisa nos arquivos existentes, mas principalmente aplicando técnicas de pesquisa de campo no contato com os indivíduos e as organizações em Moçambique e aquelas ainda ativas na paisagem alemã.

---

<sup>9</sup>“...einen Fluss, dessen Quellen in der Vergangenheit entsprangen und jetzt allmählich aus dem Tal des Sozialismus hervortritt“ em Hann, Christopher: „Postsozialismus: Transformationsprozesse in Europa und Asien aus ethnologischer Perspektive“, Campus Verlag Frankfurt 2002, pág. 7.

<sup>10</sup>A experiência socialista no continente africano é diversa como são os seus países, também no que diz respeito à morfologia política. Moçambique optou pela definição de “república popular”, assim como Angola (mas diferente da Guiné-Bissau), ao tempo em que outros países como a Guiné-Conacry ou a Tanzânia procuraram afirmar um projeto de “socialismo africano”. Devemos lembrar ainda as experiências da Etiópia (comparável a Moçambique em termos de radicalidade) e do Egito de Nasser (por sua singularidade). Em todo caso, a experiência moçambicana é, em grande medida, exemplar, pois este país é dos poucos que assume a idéia (e uma prática) “marxista-leninista de base científica” e promove uma revolução radical.

Antes de seguir adiante, gostaria de realizar uma discussão, ainda que preliminar, sobre os dois grandes campos de debate em cuja intersecção se situa esta pesquisa em andamento.

## **2. Sobre o pós-colonialismo e o pós-socialismo**

O desaparecimento da União Soviética e a queda do Muro de Berlim não só significaram o desmantelamento de um projeto modernizador emoldurado dentro da lógica emancipatória socialista (De Sousa Santos: 2005) e a dissolução do conflito leste-oeste, mas também pôs em evidência a fragilidade epistemológica do projeto modernizador vencedor para dar respostas à situação de desequilíbrio e desigualdade existente principalmente nos países da periferia, apesar da avalanche discursiva que anunciava o fim da história e a morte das metanarrativas.

Neste contexto, a complexidade dos processos experimentados pelos países com regimes socialistas na última década, tanto do chamado “Segundo Mundo” quanto do “Terceiro Mundo”, e por outros subordinados à órbita capitalista, exige um confronto crítico com as teorias da modernidade que até hoje tem inundado com seus modelos de compreensão possíveis respostas para a interpretação desses processos. Modelos que cada vez mais exibem sinais de um esgotamento explicativo (De Sousa Santos: 2005) e estão sendo objeto de uma crítica vinda das margens (Richard: 2001), que nestes últimos anos vêm adquirido força, sobretudo a partir da disseminação dos estudos culturais nos centros de produção do conhecimento nas metrópoles ocidentais (USA e Europa).

Sobre o termo “pós-colonial”, encontram-se reunidos um conjunto de trabalhos e estudos sócio-culturais e históricos que vão desde a crítica ao colonialismo europeu dos anos 40 e 50, passando da teoria do imperialismo dos anos 70, aos confrontos temáticos em torno aos fenômenos da diáspora, migração e racismo dos anos 80 e 90 (Gutierrez: 2003). Ultrapassando os conceitos de desconstrução e descentralização do sujeito, propostos pelas teorias pós-estruturalista e pós-moderna, respectivamente, a crítica pós-colonial centra sua atenção na localização e temporalidade do discurso e das idéias vindas do ocidente como efeito da relação de forças dominantes (Steyerl: 2003), especialmente na produção de conhecimento, o qual contribuiria à expansão da lógica interna do colonialismo ao reproduzir modelos de pensamento correspondentes às culturas nacionais européias (Costa: 2005), reduzindo as experiências coletivas e os processos de transformação vividos pelas sociedades não-ocidentais a fenômenos secundários e até funcionais para a autodefinição contínua da metrópole.

Alguns elementos centrais desta crítica partem da constatação de que a expansão dos valores e das instituições modernas ocidentais como paradigma hegemônico uniformizador nas sociedades colonizadas levou à criação de novas e múltiplas diferenças e, por tanto, à perda do seu monopólio explicativo (Randeira: 2005). Este paradigma da modernidade é concebido como uma categoria

controversa, pois concentrou no seu interior a promessa emancipatória do progresso, mas ao mesmo tempo fomentou processos de padronização, disciplinamento e exclusão (Randeira: 2005). Neste sentido, os questionamentos e as respostas resultantes da teoria pós-moderna e pós-estruturalista, em face desta modernidade assumida como paradigma uniformizante, são considerados como insuficientes (De Sousa Santos: 2005), pois parecem representar um olhar - embora crítico - ensimesmado da modernidade, olhar que encobriria a violência estrutural do processo “civilizatório” e suas repercussões nas sociedades colonizadas.

Outro aspecto importante da crítica pós-colonial baseia-se na representação desta modernidade como uma máquina geradora de alteridades (Castro-Gómez: 2000), como um processo em que a construção do outro é entendida como um *topos* central do projeto civilizatório. Certamente esta construção assume formas distintas, embora estas formas se caracterizem por se mover na lógica binária do reconhecimento. (Steyerl: 2003). Dentro desta lógica, pode-se entender a construção do outro, por um lado, como um processo de absorção canibalesca (Yar: 2001)<sup>11</sup> e por outro, como a existência de uma exterioridade constitutiva para a produção e legitimação do projeto imperial europeu (Castro-Gómez: 1998; Hall, Räthzel: 2000).

Embora sem me aprofundar nas premissas teóricas do debate pós-colonial nem na história do seu desenvolvimento, visto que existem já muitos trabalhos críticos a respeito<sup>12</sup>, gostaria de refletir sobre a viabilidade da crítica pós-colonial na Alemanha hoje em dia. Sobretudo partindo da base de que a história colonial alemã, comparada com a da Inglaterra ou França, é de relativa curta duração. Neste sentido, os trabalhos mais recentes de Steyerl (2003) e Nghi Ha (2000, 2003) são muito significativos. O primeiro propõe compreender a história convulsionada deste país como uma espécie de *palimpsesto*<sup>13</sup> onde os distintos episódios se sobrepõem uns aos outros, incomodam-se e ressoam e, finalmente, eliminam-se mutuamente. Daí a dificuldade e o perigo da transposição ou adaptação textual dos conceitos desenvolvidos dentro da crítica pós-colonial – cujo centro de produção localiza-se melhor no contexto anglo-americano – visto que ao caracterizar a história recente da Alemanha o decisivo não é precisamente sua curta, mas brutal, fase colonial, mas a existência sobreposta de diferentes formas de dominação biopolítica<sup>14</sup>.

---

<sup>11</sup>Cf. [http://www.espdh.hpg.ig.com.br/recognition\\_and\\_human\\_desire.pdf](http://www.espdh.hpg.ig.com.br/recognition_and_human_desire.pdf), Theory Culture Society 2001 18: 57-76

<sup>12</sup>Ver por exemplo as compilações de Edgardo Lander (2000) e Sérgio Costa (2005) respectivamente

<sup>13</sup> Segundo o dicionário da Real Academia Espanhola, palimpsesto.(do lat. palimpsestus, e este do gr. Παλιψηστος) significa: 1. m. Manuscrito antigo que conserva pegadas de uma escritura anterior apagada artificialmente. 2. m. Tabuleta antiga em que se podia apagar o escrito para voltar a escrever ( <http://buscon.rae.es/diccionario/drae.htm>). E segundo o dicionário digital Aurelio da Língua portuguesa: 1. Antigo material de escrita, principalmente o pergaminho, usado, em razão de sua escassez ou alto preço, duas ou três vezes [*duplo palimpsesto*], mediante raspagem do texto anterior. 2. Manuscrito sob cujo texto se descobre (em alguns casos a olho desarmado, mas na maioria das vezes recorrendo a técnicas especiais, a princípio por processo químico, que arruinava o material, e depois por meio da fotografia, com o emprego de raios infravermelhos, raios ultravioleta ou luz fluorescente) a escrita ou escritas anteriores.

<sup>14</sup> Steyerl reconhece cinco formas de dominação política na história moderna da Alemanha: a Monarquia, a República

Procura-se aqui um contraponto à tendência generalizada de alguns autores que preferem celebrar conceitos como mistura ou hibridação ao adaptá-los ao contexto alemão sem uma reflexão crítica e diferenciada desses modelos de dominação produtores daqueles conceitos, minimizando o passado colonial alemão pela brevidade comparativa num episódio sem glória, e como conseqüência impossível de se relacionar aos períodos posteriores como, por exemplo, o nacional-socialista, tornando assim estes dois momentos e os posteriores em episódios separados e ahistóricos e liberando-se desta forma das tensões implícitas nesta confrontação. A importância deste enfoque está em tornar possível reconhecer as rupturas e transições dentro de uma estrutura carregada de diferenças e repetições, cuja continuidade está, contudo, representada pelas formas de biopolítica praticadas em cada momento histórico. Evita-se, assim, qualquer interpretação da situação pós-colonial de maneira estética e sem história.

O segundo autor citado parte da constatação da carência de um tratamento sistemático e comparativo, por parte das ciências sociais, frente às políticas de migração laboral adotadas pela Alemanha até os dias de hoje. A maioria dos estudos sobre migração realizados nos últimos trinta anos coincide com a data de início de um fluxo consistente de imigração na Alemanha do período pós-guerra, deslocando assim deliberadamente a confrontação necessária com as estruturas produtoras das práticas e discursos excludentes anteriores a 1945, suprimindo ou bem substituindo desta maneira a análise de caráter diacrônico por um exame carente de historicidade ou mais concentrado na quantificação econômica e demográfica do dito fenômeno. A ausência desta perspectiva histórica, ou melhor, a tendência a tratar a temática da migração de maneira ahistórica tanto na prática social quanto na produção científica na Alemanha, obriga a uma análise mais pormenorizada daquelas estruturas e relações de poder que tornam possível essa prática e percepção desproblematizada do fenômeno.

A falta de um debate geral que tenha por objeto o entrelaçamento das distintas políticas migratórias, sobretudo na busca de rupturas e continuidades entre as correspondentes “economias de alteridade” (*Economies of Otherness*), incluindo as práticas e discursos desenvolvidos e aplicados através de toda a existência da Alemanha como nação moderna, é - segundo o autor - o produto de um consenso silencioso e do medo de perder ou sujar a própria imagem. Esta atitude é definida pelo autor como “Koloniale Erinnerungsabwehr” (negação da memória colonial) e caracterizada como um estado de amnésia deliberado, que reproduz muitas vezes atitudes românticas ou minimalistas frente ao passado colonial alemão (Nghì Ha: 2003).

A proposta deste autor consiste em promover um processo de superação do passado mais aberto, que, por sua vez, permita um tratamento não só da superfície do presente, mas também faça

---

de Weimar, o nacional-socialismo, as configurações da RFA e RDA de pós-guerra. Em relação ao conceito de biopolítica ver Agamben, Giorgio : “Homo Sacer. Die souveräne Macht und das nackte Leben”



visíveis suas estruturas profundas. A falta de uma consciência que descubra formas de pensamento e práticas coloniais está relacionada de maneira estreita com o discurso dominante. De maneira distinta como se pensou originariamente, na Alemanha se estabeleceu uma política migratória organizada estatalmente e com elementos sócio-imperialistas e coloniais (Nghì Ha: 2003). Não é possível reconhecer aquele fluxo do passado no presente se aquele passado é representado como tema marginal ou capítulo histórico fechado. Por fim, trata-se de permitir questionamentos que possibilitem uma investigação estrutural sobre a atualidade do discurso colonial nas relações da sociedade dominante com os imigrantes e refugiados hoje.

Este projeto se situa em meio a esse debate, mas também procura dar conta de um outro. Devido à particularidade do objeto de estudo escolhido, a confrontação com uma nova corrente especialmente significativa na antropologia social contemporânea é imprescindível, a saber, o pós-socialismo. Trata-se de estudos relativamente, de caráter majoritariamente etnográficos e que se concentram na análise e interpretação dos processos de transformação das populações de países da Europa central e oriental e da antiga União Soviética, outrora pertencentes à órbita socialista já desaparecida. Embora partindo da idéia de que desenvolvimento pós-socialista afeta de forma diferenciada distintos países, é possível encontrar semelhanças no que diz respeito principalmente às crescentes formas de exclusão e desigualdades produzidas pela adesão dessas regiões à nova ordem capitalista, ao tempo em que permite identificar novas formas de resistência ou adaptação das populações afetadas (Hann: 2002).

Por outro lado, é a antropologia e o método etnográfico que nos permitem uma certa rebelião contra a tendência uniformizadora dos estudos em disciplinas como a ciência política e a economia, as quais tentaram e tentam impor modelos explicativos macroteóricos pertencentes, em sua maioria, a formas de compreensão enquadradas na ideologia liberal. Em relação, por exemplo, ao problema da finalidade que persegue a reestruturação da propriedade privada, parece que em muitos casos existe incompatibilidade entre o discurso da justiça moral e a racionalidade econômica proposta como re-orientadora daqueles processos, não só no mundo camponês, mas também nos centros urbanos, onde o mercado e o consumo atuam como (re-)ordenadores das formas de vida atuais. Neste sentido, diferentemente dos economistas que partem do conceito da preferência individual como fator dado e estável no funcionamento do mercado, alguns estudos etnográficos preferem concentrar seus esforços na análise daqueles fatores que determinam os modelos e mudanças nas formas de consumo daqueles países. Assim, enfrentam a tendência normativa de ultrapassar modelos ocidentais que passam por cima da realidade institucional e de formas de vida cotidianas presentes e ativas.

No campo da política e da justiça existem também alguns trabalhos significativos. A maioria critica a imposição de modelos ocidentais sem a necessária preocupação com as formas locais de

organização. Num contexto onde as pessoas ainda esperam do Estado a solução dos seus problemas, um sistema judicial que busque fortalecer o direito de propriedade privada pode estar fora de lugar. Por outro lado, a pouca importância dada pelos modelos desenvolvidos pelos cientistas políticos em relação aos direitos humanos, à flexibilidade das identidades coletivas ou à possibilidade de que pessoas possam pertencer ao mesmo tempo a distintas minorias ou preferir, dependendo do contexto, uma identidade diante da outra, tem levado alguns autores a refletir sobre a possibilidade de que, ao não considerar estes fatores -- contexto e etnicidade --, corre-se perigo de produzir exatamente o contrário daquilo que se aspirava ter como resultado.

Segundo Hann, a contribuição dos estudos etnográficos nessas áreas fundamenta-se na possibilidade de uma “tomada em primeiro plano” (Nahaufnahme) por meio da pesquisa de campo e, assim, a análise dos problemas do pós-socialismo de uma perspectiva mais qualitativa, sobretudo em tempos de incerteza e carência de estabilidade institucional nessas regiões. Neste sentido, parece de vital importância a preocupação com o conceito de cultura. Este conceito no contexto pós-socialista aponta para problemas graves, como a existência extraordinariamente clara do racismo cultural (Räthzel: 2000; Miles: 1999) em alguns contextos pós-socialistas, sobretudo ali onde estados federativos e multiétnicos se desintegraram. A idéia de cultura foi assimilada por algumas elites pós-socialistas como um todo integrador, com a finalidade de traçar limites de exclusão e, no pior dos casos, justificar a violência aplicada àqueles que pertenceriam supostamente a outra cultura. Por outro lado, abusa-se deste conceito num segundo sentido, muitas vezes conectado com o primeiro mencionado acima, no momento em que representações de caráter minimalista como “Balkanmentalität” (mentalidade balcânica), “das Wesen der Zigeuner” (essência do cigano) ou “die fatalistische orthodoxe Seele” (a alma ortodoxa fatalista) (Hann: 2002) vêm à tona para explicar porque determinadas medidas políticas sucedidas em contextos específicos fracassaram ao serem transplantadas a outros contextos. Estas interpretações percebem na cultura uma enigmática variável residual e a consideram causa última para explicar porque algumas regiões ou populações determinadas se perderam do caminho do desenvolvimento prescrito pelas teorias da modernização.

Embora frutífera a produção dos estudos pós-socialistas na última década, surpreende a ausência de uma clara linha de análise. A respeito, Verdery (2002) propõe criar paralelos com os estudos pós-coloniais e a partir daí conduzi-los numa nova direção. Neste aspecto, tais paralelos teriam um sentido não só porque grande parte da Europa do leste e Ásia estiveram subordinadas a uma potência colonial (URSS), como também porque outros países do chamado “Terceiro Mundo”, e para este caso específico, Moçambique, uniram-se muitas vezes à área de influência soviética para demonstrar ou afirmar sua independência frente a outras potências coloniais do ocidente ou à antiga potência colonial.

Um projeto desta natureza permitiria abrir maiores possibilidades de trabalho comparativo ao contrapor os distintos tipos de impérios (por exemplo, Inglaterra e a União Soviética). Uma das metas deste estudo poderia ser averiguar a partir da análise das fontes e arquivos hoje disponíveis, como funcionaram as estruturas e instituições do enorme império soviético, como o campo de interações entre a potência e a colônia contribuiu para criar e remodelar o centro imperial. Outro campo de estudo comparativo permitiria averiguar como atua o controle do conhecimento e das representações como meio de dominação colonial. Partindo da base de que, assim como nos estudos pós-coloniais, as representações de si mesmo e do outro são objeto de pesquisa, também poderiam ser investigadas essas relações no mundo socialista e capitalista, sobretudo frente ao fato de que durante todo esse conflito produziram-se formas de representações binárias semelhantes.

Para o caso em questão, tanto a RDA, país pertencente ao chamado “Segundo Mundo” hoje inexistente, como Moçambique, do “Terceiro Mundo”, foram subordinados, embora de maneira distinta, à potência soviética. Parece interessante penetrar nos pormenores desta relação pouco pesquisada por meio do estudo etnográfico dos Majermanes. Hoje em dia eles constituem um dos poucos grupos sociais com estrutura e organização em Moçambique e reúnem, tanto na prática como no discurso, rupturas e continuidades entre aquele passado colonial, seu “socialismo dependente” e seu presente republicano capitalista.

### **3. Passado na RDA e presente entre Moçambique e a Alemanha: fragmentos**

Num primeiro momento, é necessário contextualizar a chegada, estadia e saída dos trabalhadores moçambicanos na RDA. Neste sentido, devemos inicialmente lembrar que o Estado Socialista regulava estritamente a vinda e a permanência dos estrangeiros na Alemanha do Leste, como de resto a circulação de pessoas ou trabalhadores de um modo geral. Já nos anos cinquenta, mas também posteriormente, a população era constantemente advertida e chamada a estar vigilante frente ao perigo que significava a presença do estrangeiro. Uma característica importante da propaganda do SED (Partido Social-Democrata Unificado da Alemanha: partido dirigente na República Democrática Alemã) era representar a presença do estrangeiro como possível agente inimigo ou provocador. Conseqüentemente, a presença de estrangeiros na RDA esteve sempre ligada a regras provenientes do estado regulador. Sem convite ou visto oficial ninguém podia entrar como estrangeiro na RDA – exceções feitas aos cidadãos da Polônia e da URSS. Aqueles que podiam residir nos estados da Alemanha do Leste tinham uma relação muito estreita com o SED. Esta situação significava, entre outras coisas, que o estrangeiro era percebido pela população da RDA também como representante do poder, o que valia especialmente para os soldados soviéticos e

os trabalhadores migrantes<sup>15</sup>.

O contato com estrangeiros era marcado, por um lado, pela presença massificada das tropas soviéticas e, por outro, pela chegada crescente de trabalhadores dos países socialistas vizinhos e do “terceiro mundo”, sobretudo no setor industrial<sup>16</sup>. Como foi dito acima, a presença destes grupos esteve fortemente ligada ao sistema político do país. Enquanto nas atividades de solidariedade, organizadas e coordenadas pelo poder central, o contato direto com o estrangeiro quase não existiu, tanto os soldados soviéticos quanto os trabalhadores migrantes eram – embora fortemente isolados – co-cidadãos de fato, numa situação legal, contudo, sempre muito precária. No caso dos trabalhadores estrangeiros, sua residência na RDA esteve sempre ligada à lealdade política destes com o SED. Para efeito de controle e regulamento, foram espalhados pelo território e mantidos distantes e isolados uns dos outros. Como exemplo deste tipo de comportamento, os trabalhadores estrangeiros foram percebidos pela população essencialmente como concorrentes (invariavelmente tomados como ilegítimos<sup>17</sup>) diante dos poucos bens de consumo disponíveis na economia socialista. A partir desta realidade pode-se estabelecer que apesar da escassa e restrita presença de estrangeiros na RDA, a relação destes com a população alemã era repleta de conflitos. Conflitos em sua maioria considerados tabus, fato que não possibilitou o desenvolvimento de uma cultura no tratamento do estrangeiro. Tal situação é hoje assumida pela maioria dos intelectuais como uma das causas da xenofobia e do racismo nos estados do leste.

Durante pelo menos dez anos, de 1979 até ao fim da República Democrática Alemã, em 1990, o governo de Moçambique promoveu a migração de milhares de trabalhadores para a Alemanha do Leste<sup>18</sup>. O principal propósito desta migração era amortizar os encargos da dívida

---

<sup>15</sup>Em relação à importância dos trabalhadores imigrantes na RDA, segundo Döring, seu papel no processo produtivo socialista revestia uma importância quase estratégica, pois sua incorporação a dito processo tentava resolver o problema de carência de mão de obra, produto do êxodo provocado pelo fechamento da fronteira e a criação do muro de Berlim, assim como o período de estancamento econômico vivido a partir da década dos oitenta. Nesse sentido, se estipula em cerca de 2,3 milhões o número de alemães do leste que abandonaram seu lugar de residência e se trasladaram para os estados da Alemanha Ocidental.

<sup>16</sup>Segundo o relatório de Müggenburg, “trabalhadores migrantes trabalharam em quase mil empresas da RDA, principalmente na indústria leve (39 por cento destes trabalhadores), na indústria mecânica (29 por cento) e na indústria pesada (19 por cento). Na maioria dos casos foram empregados na indústria automotriz, elétrica, têxtil ou química; na produção de carnes, cabos, papel, papelão e carvão. Também em padarias e abatedouros ou no montage e manutenção de veículos industriais. O trabalho nas correias transportadoras ou de troquelado nas áreas de produção imediata era muito pouco atrativas para os trabalhadores da RDA, pois aí se uniam más condições de trabalho com más possibilidades de ascensão, devido à pouca exigência de qualificação.” ( Müggenburg, Andreas: Die ausländischen Vertragsarbeitnehmer in der ehemaligen DDR, em: Berliner Referat der Beauftragte der Bundesregierung für die Belange der Ausländer, Berlim 1996 Word-Dokument .pp. 13

<sup>17</sup> Nos trabalhos de Scherzer, Oppenheimer e Müggenburg, faz-se referência às possibilidades que tinham os trabalhadores moçambicanos para aceder a bens produzidos no ocidente. Também corria o rumor de que eles ganhavam o salário em divisas, daí a idéia de que tinham maior poder aquisitivo que os próprios alemães.

<sup>18</sup>No relatório de Müggenburg, segundo as estatísticas oficiais, do ex-ministério do interior da RDA, até dezembro de 1989 tinham sido contabilizados em torno de 15.000 moçambicanos. Segundo Oppenheimer, entre 1979 e 1989 passaram pela RDA 21.600 trabalhadores moçambicanos, entre homens e mulheres.

contraída com a RDA, que se haviam tornado insustentáveis<sup>19</sup> (Oppenheimer: 2003). Em muitos aspectos, esta migração tinha semelhanças com a dos mineiros moçambicanos para a África do Sul durante o período colonial: enquadramento legal e institucional paternalistas, contratação rotativa de jovens solteiros (entre 18 e 25 anos), pagamento diferenciado de partes dos salários, segregação e controle social e habitacional no país de acolhimento (Oppenheimer: 2003; Sextro: 1996). Apesar disto, um dos pontos principais destes acordos bilaterais era também a formação profissional e técnica dos trabalhadores migrantes. No caso de Moçambique, isto funcionava ainda como um argumento para recrutar a mão-de-obra, tendo em vista que no acordo bilateral se estabelecia principalmente que estes trabalhadores contribuiriam com seu trabalho para o pagamento da dívida que seu país tinha com a RDA (Müggenburg: 1996). Apesar da importância desse fluxo de trabalhadores do ponto de vista moçambicano, outro aspecto relevante na relação entre a RDA e Moçambique era que, em termos de integração, tanto da parte da RDA quanto do governo moçambicano não existia um interesse real a respeito (Oppenheimer: 2003; Müggenburg: 1996).

Uma das características mais notórias deste grupo de trabalhadores era sua falta de coesão interna como grupo, determinada nas fases iniciais do processo. Neste sentido, Landolf Scherzer, nos seus protocolos, resgata uma conversa com o diretor de um lar residencial em Suhl (pequeno povoado nos arredores de Berlim), onde moravam trabalhadores moçambicanos contratados para a produção de motocicletas (Mopeds):

*Os amigos moçambicanos vêm de distintas províncias. Alguns da cidade, outros do campo, têm por isso costumes e experiências diferentes. Ajuda mútua não existe entre eles. Muitas vezes presenciei o riso irônico de uns quando outro cometia algum erro. E mesmo quando alguém era surpreendido fazendo algo proibido, aí se alegravam os outros. Talvez alguma medida de carreirismo ajude a explicar por que uns querem passar outros pra trás. Deve-se levar em conta que em Moçambique a passagem do feudalismo ao socialismo saltou uma etapa inteira de desenvolvimento, o que naturalmente leva a tais atitudes pequeno-burguesas... (Scherzer: 2004)<sup>20</sup>*

A implosão da RDA levou a um repatriamento precipitado dos trabalhadores, seguido por um processo de reintegração traumático em Moçambique e por um longo conflito entre os que voltaram e o governo moçambicano em torno das transferências dos salários e dos descontos para a seguridade social acumulados na Alemanha, em relação aos quais estes se sentiam prejudicados nas

---

<sup>19</sup> Em 1990, na altura da sua extinção, e da assunção desta posição pela RFA alargada, a dívida externa acumulada de Moçambique com a RDA foi avaliada em 450 milhões de dólares. E isto depois de três reajustes, consentidos pela RDA em 1983, 1985 e 1989. (ver detalhes em Oppenheimer: 2003).

<sup>20</sup> „Die mozambikanischen Freuden kommen aus verschiedenen Provinzen. Manche aus der Stadt, manche aus dem Dorf, sie haben unterschiedliche Lebensgewohnheiten, unterschiedliche Erfahrungen. Einander helfen, das gibt es bei ihnen kaum. Ich habe sehr oft Schadenfreude erlebt, wenn ein anderer etwas falsch gemacht hat. Genauso ist es, wenn einer bei etwas Verbotenem erwischt wird. Vielleicht liegt das am Karrierismus, daß einer den anderen ausstechen will. Man muß dabei bedenken, die überspringen in Moçambique ja vom Feudalismus zum Sozialismus eine ganze Entwicklungsetappe, da kommt es natürlich zu kleinbürgerlichem Verhalten...“

transferências propostas e acordadas por ambos os governos<sup>21</sup>. Sob este passado comum de isolamento, segregação e exploração laboral nasce este grupo social que, entretanto, faz valer as suas reivindicações na atualidade de maneira sempre mais organizada e coesa, fazendo uso meticulosamente das liberdades civis e instituições democráticas recentemente estabelecidas em Moçambique.

Quanto aos moçambicanos que ficaram, esquecendo o fato de não existir um cadastro conclusivo sobre quantos ainda estão em Alemanha, os estudos tendem a assumi-los como massa indiferenciada, dentro do conceito geral de “africanos”, embora existam alguns estudos específicos e literatura a respeito (especialmente os trabalhos de Scherzer e Sextro). Por outro lado, ainda seguem ativas na Alemanha algumas organizações de moçambicanos, a maioria localizada nas cidades pertencentes à extinta RDA (Leipzig, Dresden, Berlim, entre outras). Dentro do portal “Casa Moçambique”<sup>22</sup>, aparecem pelo menos cinco associações ativas: Associação dos Moçambicanos na Alemanha e.V. (A.M.A.e.V.) Berlim; ASSOMOL - Associação dos Moçambicanos de Leipzig; Mutimba e.V. Dresden; Mozambik e.V Berlim; MONARDA e.V. Berlim

#### **4. Madjermanes: construção discursiva e experiência coletiva**

Ser “Majermane”: sendo uma construção discursiva com rasgos identitários específicos, criam-se sentimentos de pertença, constróem-se estruturas e instituições representativas, assim como práticas que contribuem ao mesmo tempo à reprodução de um imaginário social que denota a coesão de um grupo social visto no passado meramente como cifras estatísticas. Porém, esse discurso em princípio unitário e homogêneo, ao ser contrastado com a diversidade de organizações e associações ativas tanto na Alemanha quanto em Moçambique, obriga-nos a fazer uma pesquisa mais pormenorizada em busca de diferenças e semelhanças frente à produção de valores e princípios e também frente às formas de compreensão e reprodução de alguns conceitos como participação, poder e cultura. Daí a importância da realização desta pesquisa tanto na Alemanha quanto em Moçambique, visto que evitam qualquer reducionismo e permitem ver aquela construção discursiva dentro de um contexto ou processo pensado e representado pelos próprios atores.

Do ponto de vista discursivo, se quer descrever sob que princípios e valores se sustenta a luta pelas suas reivindicações, como também definir as formas de articulação e estratégias que este

---

<sup>21</sup>Segundo o Acordo entre a RDA e Moçambique de 1979, quando começa a ida dos trabalhadores para Alemanha do Leste, eles podiam transferir até 25 % do salário mensal líquido a partir do quarto mês de emprego. Em 1986 aquela porcentagem foi aumentada para 60 %, mas baixou novamente em 1989 para 40 %. Segundo as informações de Oppenheimer, em 1988/89 cada trabalhador moçambicano transferia mensalmente em média 300 Marcos do salário e 75 Marcos para a seguridade social.

<sup>22</sup> [www.casamocambique.de](http://www.casamocambique.de)

grupo social têm desenvolvido como política de reconhecimento frente ao resto da população moçambicana. Outro resultado esperado é ver se existem semelhanças na relação com o governo moçambicano e alemão respectivamente, ou se podemos falar de um tratamento diferenciado destes frente a ambos os governos e neste sentido observar se aquilo é produto de estruturas e práticas de extração colonial.

## **Bibliografia**

### **Literatura geral:**

**Agamben, Giorgio:** *Homo Sacer. Die souveräne Macht und das nackte Leben*, Editora Suhrkamp, Primeira Edição, Frankfurt, 2002

**Anderson, Benedict:** *Die Erfindung der Nation. Zur Karriere eines folgenreichen Konzepts*. Campus Verlag., Frankfurt, 1993.

**Balibar, Etienne, u. Immanuel Wallerstein:** *Rasse, Klasse, Nation*, Argument-Verlag, Hamburg, 1998.

**Bourdieu, Pierre y Wacquant, Loïc J.D.** «Reflexive Anthropologie» Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main 1996

**Bourdieu, Pierre:** «Der feine Unterschied: Kritik der gesellschaftlichen Urteilskraft» Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main 1987

**Coser, Lewis:** “Las funciones del conflicto social”, Fondo de Cultura Económica, México 1961

**Dijk van, Teun:** “Ideología y discurso”, Editorial Ariel, Barcelona 2003

**Elias, Norbert:** *A Sociedade dos Indivíduos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro 1994

**Geertz, Clifford:** *La interpretación de las culturas* Editorial Gedisa, Barcelona, 1989.

**Goethe, Tina (Hg.):** *Im Handgepäck Rassismus: Beiträge zu Tourismus und Kultur*, Verlag Informationszentrum Dritte Welt (iz3w), Freiburg 2002

**Hall, Stuart.** *Rassismus und kulturelle Identität. Ausgewählte Schriften 2.* Argument-Verlag, Hamburg 1994.

-----: *Ideologie, Identität, Repräsentation. Ausgewählte Schriften 4.* Argument-Verlag, Hamburg, 2004

**Miles, Robert:** *Rassismus*, Argument-Verlag, Hamburg, 1999

**Räthzel, Nora (Hg.):** *Theorien über Rassismus*, Argument-Verlag, Hamburg, 2000.

**Richard, Nelly:** *La insubordinación de los Signos (cambios políticos, transformaciones culturales y poéticas de la crisis)*, Ed. Cuarto propio, Sgto. de Chile 1994.

## Políticas de migração e estrangeiros na RDA e RFA

**Bade, Klaus J. :** *Homo migrans : Wanderungen aus und nach Deutschland ; Erfahrungen und Fragen*, Editora Klartext, primeira edição, Essen 1994.

-----: *Europa und die dritte Welt : Kolonialismus – Gegenwartsprobleme-Zukunftsperspektiven*, Editora Metzler-Schulbuch, primeira edição, Hannover 1992.

-----: *Imperialismus und Kolonialmission : kaiserliches Deutschland und koloniales Imperium*, editora Steiner, segunda edição, Wiesbaden 1984.

**Döring, Hans-Joachim:** *Es geht um unsere Existenz. Die Politik der DDR gegenüber der Dritten Welt am Beispiel von Mosambik und Äthiopien*, editora Ch. Links, Berlin 1999.

**Döring, Hans-Joachim & Rüchel, Uta:** *Freundschaftsbande und Beziehungskisten: Die Afrikapolitik der DDR und der BRD gegenüber Mosambik*, editora Brandes & Apsel, primeira edição, Frankfurt 2005.

**Elsner, Eva-Maria und Lothar:** *Zwischen Nationalismus und Internationalismus : über Ausländer und Ausländerpolitik in der DDR 1949 – 1990*, editora Norddeutsche Hochschulschriften, Rostock 1994.

-----: *Ausländer und Ausländerpolitik in der DDR: Forscher- und Diskussionskreis DDR-Geschichte*, editora Gesellschaftswissenschaftliches Forum, Berlin 1992.

**Grün von der, Max:** *Leben im gelobten Land: Ausländer in Deutschland*, editora DTV, Munique 1994.

**Herbert, Ulrich:** *Fremdarbeiter : Politik und Praxis des "Ausländer-Einsatzes" in der Kriegswirtschaft des Dritten Reiches*, editora Dietz, Bonn 1999.

-----: *Geschichte der Ausländerpolitik in Deutschland : Saisonarbeiter, Zwangsarbeiter, Gastarbeiter, Flüchtlinge*, Editora Bundeszentrale für politische Bildung, Bonn 2003.

-----: *Geschichte der Ausländerbeschäftigung in Deutschland 1880 bis 1980 : Saisonarbeiter, Zwangsarbeiter, Gastarbeiter*, editora Dietz, Berlin 1986.

**Lehmann, Joachim & Elsner, Lothar:** *Ausländische Arbeiter unter dem deutschen Imperialismus : 1900 bis 1985*, editora Dietz, Berlin 1988.

**Riepe, Regina und Gerd:** *Fremd ist der Fremde nur in der Fremde: Argumente gegen Rassismus*, editora Lamuv Taschenbuch 299, primeira edição, Gotingia 2001.

**Rommelspracher, Birgit:** *Anerkennung und Ausgrenzung: Deutschland als multikulturelle Gesellschaft*, Campus Verlag, Frankfurt/New York 2002.

**Tschapek, Rolf Peter:** *Bausteine eines zukünftigen deutschen Mittelafrika : deutscher Imperialismus und die portugiesischen Kolonien ; deutsches Interesse an den südafrikanischen Kolonien Portugals vom ausgehenden 19. Jahrhundert bis zum ersten Weltkrieg*, editora Steiner, Stuttgart 2000



## RDA e África

**Die DDR und Afrika: Zwischen Klassen Kampf und Neuem Denken** by Ulrich van der Heyden, Ilona Schleicher, Hans-Georg Schleicher Review author[s]: Brigitte H. Schulz *International Journal of African Historical Studies*, Vol. 28, No. 1 (1995) , pp. 209-210

**Häfen und Eisenbahnen in der Volksrepublik Moçambique.** VOLKER J. ; Transpress VEB Verlag für Verkehrs 1986,vol.19,n1,pp.27-29. Copyright 2006 INIST-CNRS.

**The End of an Era: The Rise and Fall of G.D.R. Aid** Jude Howell *Journal of Modern African Studies*, Vol. 32, No. 2 (Jun., 1994) , pp. 305-328

**The Foreign Policy of the GDR in Africa** by Gareth M. Winrow. Review author[s]: Franz Ansprenger *International Journal of African Historical Studies*, Vol. 25, No. 1 (1992) , pp. 156-157

**The GDR in the 1980s**, Author(s):Ian Wallace.1984. Edit. Rodopi

**The Foreign Policy of the GDR in Africa**, Gareth M. Winrow. Cambridge University Press. 29 Nov 1990

**New Country, Old Nationality** Melvin Croan *Foreign Policy*, No. 37 (Winter, 1979-1980) , pp. 142-160

**The Future of Mine Migrancy in the Context of Broader Trends in Migration in Southern Africa** Robert Davies, Judith Head *Journal of Southern African Studies*, Vol. 21, No. 3 (Sep., 1995) , pp. 439-450

**The Collapse of the Communist-Anticommunist Condominium: The Repercussions for South Africa** Rob Nixon *Social Text*, No. 31/32, Third World and Post-Colonial Issues (1992) , pp. 235-251

**Immigration and Social Peace in United Germany** Journal article by Lieselotte Anderson, Klaus J. Bade; *Daedalus*, Vol. 123, 1994

## Pós-socialismo e Pós-colonialismo

**Bhabha, Homi K.:** *Narrando la nación*; em internet: [www.cholonauta.edu.pe](http://www.cholonauta.edu.pe) /Biblioteca Virtual de Ciencias Sociales

**Castro-Gómez, Santiago:** *Geografías poscoloniales y translocalizaciones narrativas de “lo latinoamericano”*: *La crítica al colonialismo en tiempos de globalización*; em Follari, Roberto e Lanz, Rigoberto (Comp.): *Enfoques sobre Posmodernidad en América Latina*, editora Sentido, Caracas 1998. pp: 155-182

**Costa, Sérgio:** *Verwobenheit, Hybridität, Dezentrierung:(Un-) Möglichkeiten einer postkolonialen Soziologie*, em: Hauke Brunkhorst/ Sergio Costa (HG.) *Jenseits von Zentrum und Peripherie: Zur Verfassung der fragmentierten Weltgesellschaft*, Mering: Hampp Verlag, Buchreihe Zentrum und Peripherie, pp. 221-250

**de Sousa Santos, Boaventura:** *Vom Postmodernen zum Postkolonialen. Und über beides hinaus*, em: Hauke Brunkhorst/ Sergio Costa (HG.) *Jenseits von Zentrum und Peripherie: Zur Verfassung der fragmentierten Weltgesellschaft*, Mering: Hampp Verlag, Buchreihe Zentrum und Peripherie,

pp. 197-220

**Grätz, Tilo; Pelican, Michaela & Meier Barbara:** *Zur sozialen Konstruktion von Freundschaft. Überlegungen zu einem vernachlässigten Thema der Sozialanthropologie (Schwerpunkt Afrika)*, em: Max Planck Institute for Social Anthropology, Working Paper No. 53, Halle / Saale 2003

**Hahn, Christopher:** *Postsozialismus: Transformationsprozesse in Europa und Asien aus ethnologischer Perspektive*, editora Campus, Frankfurt 2002

**Kien Nghi Ha:** *Hybride Bastarde - Identitätskonstruktionen in kolonial-rassistischen Wissenschafts-Kontexten*. em: Eva Kimminich (Hg.): *Kulturelle Identität. Konstruktionen und Krisen*, Frankfurt a.M. [Peter Lang Verlag] 2003, S. 107-160.

-----: *Sklavenarbeit und Humankapital. Vom Reich zur Bundesrepublik: Migrationspolitik in Deutschland*. em: *Jungle World*: Nummer 50 dezember 2003, Dossier online <http://www.jungle-world.com/seiten/2003/49/2185.php>

-----: *Ethnizität, Differenz und Hybridität in der Migration: Eine postkoloniale Perspektive*, em: *Prokla Zeitschrift für kritische Sozialwissenschaft*, Heft 120, 30. Jg. 2000, Nr. 3, pp 377 – 397

**Lander, Edgardo (comp.):** *La colonialidad del saber: Eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*, CLACSO, primeira edição, Buenos Aires 2000.

**Randeria, Shalini:** *Verwobene Moderne: Zivilgesellschaft, Kastenbindungen und nicht-staatliches Familienrecht im (post)kolonialen Indien*, em: Hauke Brunkhorst/ Sergio Costa (HG.) *Jenseits von Zentrum und Peripherie: Zur Verfassung der fragmentierten Weltgesellschaft*, Mering: Hampp Verlag, Buchreihe Zentrum und Peripherie, pp. 169-196.

**Steyerl, Hito; Gutierrez Rodríguez, Encarnación (Hg.):** *Spricht die Subalterne deutsch?: Migration und postkoloniale Kritik*, Editorial Unrast, Münster 2003.

### **Trabalhadores moçambicanos e Majermanes**

**Azevedo, Licínio:** “Adeus RDA”, documentário VHS de 26 minutos, Maputo- Berlim 1992

**Müggenburg, Andreas:** *Die ausländischen Vertragsarbeitnehmer in der ehemaligen DDR*, em: Berliner Referat der Beauftragte der Bundesregierung für die Belange der Ausländer, Berlim 1995.

**Oppenheimer, Jochen:** *Os trabalhadores moçambicanos na antiga República Democrática Alemã: Passado e presente*, em Documento de trabalho n° 65, Centro de Estudos sobre Africa (CEsA), Lisboa 2003.

**Scherzer, Landolf:** *Die Fremde: Unerwünschte Begegnungen und verbotene Protokolle* editora Aufbau Taschenbuch, primeira edição, Berlim 2004.

**Sextro, Uli:** *Gestern gebraucht - heute abgeschoben. Die innenpolitische Kontroverse um die Vertragsarbeiter der ehemaligen DDR* Sächsische Landeszentrale für Politische Bildung, Dresden 1996.